

A documentação participativa: o caso das línguas Paresi-Haliti e Enawene Nawe

The participatory documentation: the case of the Paresi-Haliti and Enawene Nawe languages

Ana Paula BRANDÃO*

Universidade Federal do Pará (UFPA)

Jurandir ZEZOKIWARE**

Escola Municipal I. E. F. Rio Formoso

RESUMO: As línguas Paresi e Enawene Nawe, pertencentes à família Aruák, são faladas no Estado do Mato Grosso. O objetivo do artigo é contribuir com as reflexões sobre a documentação participativa, a partir da apresentação de experiências com a documentação das línguas Paresi e Enawene Nawe. A documentação da língua Paresi ocorreu entre os anos de 2006 e 2015, enquanto a documentação da língua Enawene Nawe é bem recente, começou em janeiro de 2018. O artigo apresenta uma metodologia que envolve os falantes das línguas em todas as etapas do trabalho. Além de apresentara perspectiva de um pesquisador indígena Paresi, que é co-autor do artigo, com relação ao trabalho em sua comunidade e na comunidade Enawene Nawe.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação participativa. Paresi. Enawene Nawe.

ABSTRACT: The Paresi and Enawene Nawe languages, which belong to the Arawak family, are spoken in the State of Mato Grosso. The purpose of this article is to contribute to the reflections on the participatory documentation, from the presentation of experiences with the documentation of the Paresi and Enawene Nawe languages. Our documentation of the Paresi language occurred between the years 2006 and 2015, while the documentation of the Enawene Nawe language is very recent, started in January 2018. The article presents the methodology that involves speakers of the languages in all stages of the work. In addition, it presents the experience of a Paresi researcher, who is the co-author of the article, regarding working in his community and in community Enawene Nawe.

KEY WORDS: Participatory documentation. Paresi. Enawene Nawe.

*Doutora na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, em Belém-Pará. Email: apbrandao7@gmail.com

**Pesquisador indígena graduado e professor na Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Rio Formoso, em Tangará da Serra-Mato Grosso. Email: jzezokiware@gmail.com

Introdução

Os projetos que serão apresentados neste artigo, assim como outros projetos que documentam línguas indígenas no Brasil, têm como base a participação das comunidades no processo de documentação, a chamada documentação linguística participativa (do inglês *Community-based research*). O objetivo do artigo é contribuir para as reflexões sobre este tema, a partir das experiências com o projeto de documentação da língua Paresi entre os anos de 2006 e 2014, e com o início da documentação da língua Enawene Nawe em janeiro de 2018. Há várias publicações que abordam o tema, entre as principais que serão mencionadas aqui estão: Franchetto e Rice (2014), Gippert, Himmelmann e Mosel (2006), Moore e Galucio (2016) e Stenzel (2014).

A documentação linguística consiste primariamente na compilação e preservação de dados primários (incluindo gravações de áudio e vídeo, além das anotações linguísticas) e interfaces entre dados primários e os vários tipos de análises baseados nos dados (GIPPERT; HIMMELMANN; MOSEL, 2006). De acordo com os autores, a produtividade do projeto de documentação depende da participação ativa dos falantes nativos nesse processo. Os falantes podem contribuir, por exemplo, com a determinação dos objetivos e resultados, com a gravação dos eventos de fala, e com a transcrição e tradução das gravações.

A documentação linguística no Brasil teve um avanço significativo entre os anos de 2001 e 2015. A documentação dessas línguas é extremamente urgente, já que das 150 línguas indígenas no Brasil (MOORE et al, 2008), 21% são consideradas línguas com alto risco de extinção. Segundo Moore e Galucio (2016), os projetos de documentação no Brasil começaram a avançar quando os programas internacionais como o *Dokumentation Bedrohter Sprachen* (DOBES) e o *Endangered Languages Documentation Programme* começaram a dar apoio financeiro aos projetos em 2001 e 2002. Os autores citam como exemplo desses projetos, o projeto de documentação da língua Puruborá (coordenado pela Dra. Vilacy Galucio) e o projeto de documentação da fala assobiada e instrumental dos Gavião e Suruí de Rondônia (coordenado pelo Dr. Julien Meyer), ambos propostos pela área de linguística do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG). Outro exemplo foi a documentação das línguas Kotiria e Wa'ikhana

pela Dra. Kirstine Stenzel, que em seu artigo de 2014 relata as aprendizagens e os desafios enfrentados pela documentação participativa.

De 2008 a 2014, houve um grande avanço com o Programa de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN) com apoio financeiro do governo brasileiro, em parceria com UNESCO, e sob coordenação da Dra. Bruna Franchetto. O PRODOCLIN documentou 13 línguas (FRANCHETTO; RICE, 2014), incluindo a língua Paresi¹. Este programa conjuntamente com o Programa de Documentação Cultural (PRODOCULT), o chamado PROGDOC², alcançou os seguintes resultados em seu acervo digital: 493 horas de vídeo e 321 de áudio, além de quatro gramáticas pedagógicas e a finalização de cinco projetos de documentação de repertórios musicais. A área de linguística do MPEG também mantém um acervo digital que até então possuía com 80 coleções de línguas com 800 horas de dados gravados (MOORE; GALUCIO, 2016, p.11). Franchetto e Rice (2014) caracterizam os projetos de documentação desse período como projetos que deram ênfase aos princípios de autonomia e auto-determinação, sendo colaborativos através do envolvimento do falante e possibilitando o fortalecimento dos pesquisadores indígenas.

Os projetos Paresi descritos a seguir foram desenvolvidos com o apoio do MPEG e estavam inseridos dentro do contexto apresentado anteriormente. A principal fonte de apoio financeiro foram programas internacionais, como será detalhado ao longo do artigo. A primeira seção apresenta informações gerais sobre os povos e as línguas Paresi e Enawene Nawe; a seção 2 descreve os projetos com a língua Paresi e a seção 3 traz um relato sobre uma viagem à comunidade Enawene Nawe.

1. Conhecendo os povos e as línguas Paresi e Enawene Nawe

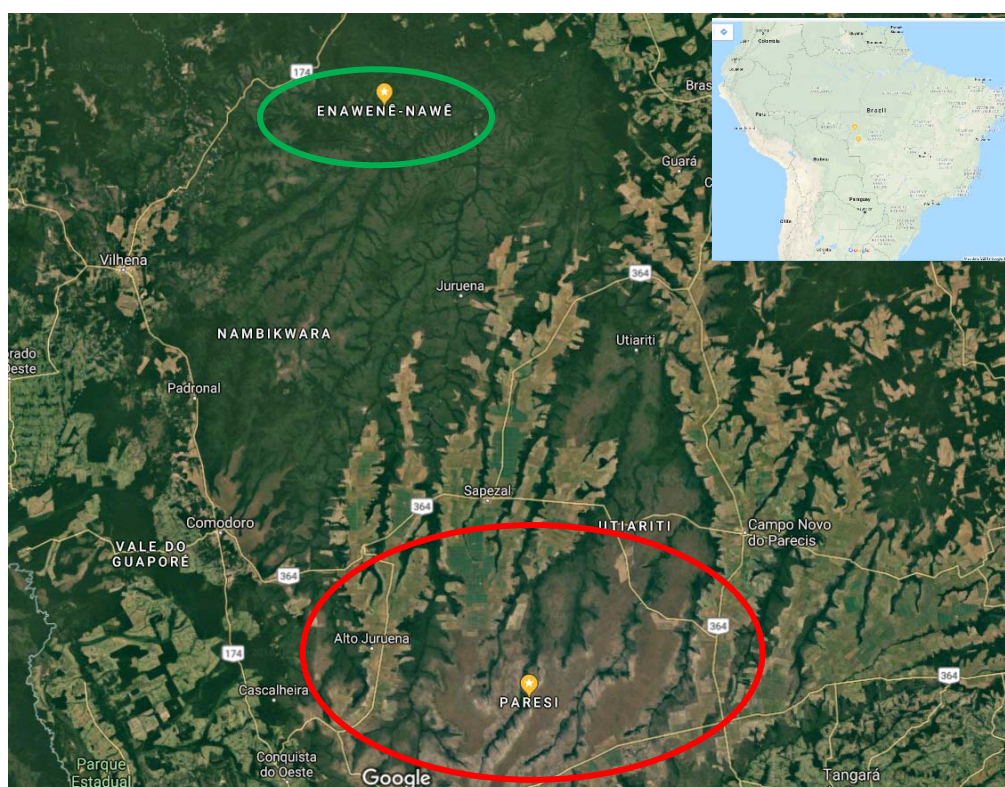
A população Paresi é de aproximadamente 3.000 pessoas, sendo a maioria falantes da língua, que também é chamada de Paresi, Halitiou Paresi-Haliti. Os Paresi estão distribuídos em várias comunidades no Estado do Mato Grosso, perto da cidade de Cuiabá, nos tributários do rio Juruena. O povo Enawene Nawe (também citado na

¹O projeto Paresi com financiamento do PRODOCLIN foi coordenado pelo linguista Glauber Silva (vinculado à UFRJ e ao Museu do Índio no Rio de Janeiro).

² O PROGDOC continua no ano de 2018 com a documentação de línguas e culturas de povos fronteiriços e de recém-contato.

literatura como Salumã) possui uma população de aproximadamente 1000 pessoas, todos falantes da língua de mesmo nome. Eles vivem na comunidade *Halataikwa* em uma Terra Indígena, localizada próxima às cidades de Juína, no Estado do Mato Grosso, e Vilhena, no Estado de Rondônia. A área onde está localizada a comunidade Enawene Nawe está marcada no círculo de linha verde no mapa e a área onde estão localizadas as comunidades Paresi aparecem marcadas por um círculo de linha vermelha.

Figura 1: Mapa com a localização dos povos EnaweneNawe e Paresi



As línguas Paresi e Enawene Nawe (EN) pertencem à família Aruák (PAYNE, 1991; AIKHENVALD, 1999; RAMIREZ, 2001). Payne (1991) classificou o Paresi junto com a língua Waurá no grupo central, enquanto Aikhenvald (1999) classificou o Paresi como pertencente ao grupo Aruák do Sul, formando um ramo chamado Paresi-Xingu. Trabalhos mais recentes (FABRE, 2005; BRANDÃO; FACUNDES, 2007) classificam o Paresi junto com a língua EN. Brandão, Carvalho e Pereira (2018) e Pereira (2018) apresentam evidências de que o EN é um co-dialeto da língua Paresi, além de proporem a existência de um subgrupo chamado Juruena, que incluiria as referidas línguas (co-dialetos) juntamente com a língua Saraveka.

O povo Paresi está distribuído em nove Terras Indígenas (TI): Rio Formoso, Utiariti, Estação Parecis, Estivadinho, Pareci, Juininha, Figueira, Ponte de Pedra, e Uirapuru. O projeto com a língua Paresi ocorreu nas terras indígenas: Rio Formoso, Utiariti e Pareci. A TI Rio Formoso inclui cinco comunidades (Formoso, JM, Cachoeirinha, Jatobá e Queimada), sendo a principal a comunidade Formoso, onde realizei a maior parte do trabalho. A TI Rio Formoso está localizada a 82 km da cidade de Tangará da Serra. Há onze comunidades na TI Pareci e o trabalho foi feito nas comunidades Rio Verde, Nova Esperança, Buritie Kotitiko. Na terra indígena Utiariti, o trabalho foi realizado na comunidade Bacaval.

Hoje a maioria dos Paresi são bilingues em Paresi e Português. No início da pesquisa, em 2006, as crianças, as mulheres e os mais idosos não falavam português ou não eram fluentes. Nessa época, a pesquisadora e autora do artigo trabalhava no Museu Goeldi, instituição que recebeu um convite dos Paresi para fazer um trabalho de documentação. O convite foi dado por algumas lideranças que estavam preocupadas com a questão da manutenção de sua língua. Na primeira viagem à comunidade Formoso, a pesquisadora sentiu a necessidade de uma maior participação da comunidade, passando a envolver alguns indígenas no trabalho de forma mais ativa.

No início do trabalho com os Paresi, havia apenas um esboço gramatical (ROWAN; BURGESS, 1969 [2009]), um dicionário preliminar (ROWAN; ROWAN, 1978 [2001]), trabalhos sobre fonologia e coletâneas de textos feitos por missionários. Recentemente há vários trabalhos de descrição da língua por linguistas, tais como: Drude (1995), Silva (2009, 2013), Brandão (2010, 2014), Brandão e Mesquita (2017), Costa (2018), Lima-Sosinho (2018), Mesquita (2018), Pereira (2018), Rech e Brandão (2018), Rech, Brandão e Wit (2018), Sousa, A.C.R. (2018), Sousa, J.H.L. (2018), e por professores indígenas Eazokemae (2006), Kezomae (2006), Zezokiware (2016), Kezowe e Koloizomae (2017).

Já o trabalho com os EN é bem recente. Havia um interesse muito grande em estudar a língua EN, a fim de descrever com precisão a proximidade genética da língua com o Paresi. Porém, o acesso à comunidade era difícil até 2012. Segundo Lisboa (1985), os primeiros contatos foram feitos em 1974, quando o grupo indígena era constituído por apenas 97 pessoas. Os EN viveram isolados até meados dos anos 80, e começaram a estar mais em contato com os não-indígenas nos últimos sete anos. O

acesso à comunidade foi facilitado devido à construção de uma estrada que liga a comunidade indígena à BR-174. Antes, a rota para a comunidade era realizada exclusivamente por vias navegáveis e o tempo de viagem era de 7 a 8 horas. Hoje em dia, o tempo de viagem para a comunidade foi reduzido para 3 a 4 horas. Os EN passaram a ter mais contato com a tecnologia, pois possuem telefone na comunidade e têm acesso às redes sociais quando estão na cidade. Ano passado, foi possível estabelecer nossos primeiros contatos com Holikiari Enawene através de rede social, para conseguir o número de telefone da comunidade e pedir autorização para visitá-los.

Em janeiro de 2018, juntamente com o Paresi Jurandir Zezokiware, passamos uma semana na comunidade Halataikwa. Holikiari estava muito entusiasmado com trabalho de documentação e descrição da língua. Ele, Xoxokwa, Alowa, Menetse e Walitere foram os principais colaboradores durante a nossa visita, trabalhando como guias, tradutores, nos ensinando sua língua e aprendendo Paresi e Português. Os EN nos receberam muito bem e estavam ansiosos para que o projeto de documentação que estávamos propondo fosse aprovado. Enviamos nosso projeto para o ELDP / SOAS e o mesmo foi aprovado em julho de 2018.

A documentação e descrição da língua é extremamente necessária, já que os únicos trabalhos descritivos conhecidos até o momento são os de Rezende (2003, 2013). Este último trabalho, uma descrição morfossintática da língua, não está disponível para a comunidade acadêmica nem para a comunidade de falantes. Em 2005, um projeto chamado “Gramática de esboços, textos e dicionário de Enawene Nawe (Arawak, Brasil)” foi financiado pelo ELDP / SOAS, mas infelizmente, o projeto não foi concluído. Na próxima seção, apresentaremos as contribuições que o projeto de pesquisa com a língua Paresi proporcionou para a comunidade científica e as comunidades indígenas.

2. A documentação da língua Paresi

Um dos primeiros desafios no trabalho de documentação é o de estabelecer um primeiro contato amistoso com a comunidade indígena. Em 2006, ocorreu a primeira viagem aos Paresi. O objetivo da viagem era documentar eventos linguísticos e culturais em áudio e vídeo, com financiamento do Museu Goeldi. Ao chegar na comunidade, o

primeiro passo foi realizar uma reunião na escola com lideranças e professores para explicar o projeto. Consideramos importante este diálogo com a comunidade para estabelecer os objetivos da documentação e saber que pessoas estão dispostas a ajudar. Um falante de Paresi explicou o projeto na língua deles, mas a princípio eles tiveram dificuldades em entender a proposta. Os Paresi contavam que não tiveram boas experiências com pesquisadores, que até então haviam passado por ali. Estavam preocupados em não receber um retorno do projeto para a comunidade. Por exemplo, diziam que os pesquisadores anteriores não deixavam cópia do material que era gravado para a comunidade e nem voltavam para mostrar o resultado de seus trabalhos.

Nos primeiros anos do projeto, de 2006 a 2010, realizamos não só a documentação, mas também a descrição do Paresi. O projeto recebia financiamento das seguintes instituições (em diferentes momentos): Museu Goeldi e Universidade do Texas em Austin. Como o recurso era limitado, trabalhávamos em apenas duas comunidades, Formoso e Rio Verde, e contávamos com no máximo dez consultores em cada viagem. O processo de seleção dos consultores era uma decisão tomada conjuntamente com a comunidade. A comunidade geralmente indica as pessoas que sabem mais histórias tradicionais, que podem explicar melhor sobre a cultura e a língua ou estão mais aptas para traduzir para o Português. Cabe ao pesquisador, tomar decisões sobre que falantes são mais pacientes ou habilidosos em determinada função.

Entre as pessoas que me ajudavam estavam professores indígenas da Escola Municipal Indígena de Ensino Fundamental Formoso e da Escola Municipal Indígena Zoizotero (como Angelo Kezomae, Genivaldo Zezokaece, Geovani Kezokenaece, Joscélio Onizokaece, Jurandir Zezokiware, Luciano Kaizokenazokaece, Nilce Zonizokemairo). A princípio, tudo era novidade para os consultores, Benedito Zezokemae aprendia como usar o painel solar, Luciano aprendia como usar a câmera filmadora, Joscélio organizava as reuniões com a comunidade para saber o que queriam documentar e quem iria participar das gravações, e Jurandir Zezokiware (JZ) ajudava a transcrever as gravações (ainda usando caderno e caneta). Até hoje Joscélio e Jurandir, são os principais colaboradores não só do trabalho de documentação como de descrição da língua.

Alguns professores das escolas indígenas, como JZ, ainda não possuíam o ensino superior, mas estavam cursando o magistério através de um projeto para a formação de

professores indígenas chamado *Hayô*. Ele era um dos consultores que mais gostavam das sessões de eliciações de dados lexicais e gramaticais. JZ trabalhou em dois projetos de documentação, no projeto que estamos descrevendo e no projeto do linguista Glauber da Silva do Museu do Índio (RJ). Ele reconhece a necessidade de documentar a língua e demonstra muito interesse pela linguística, como ele afirma:

Antes de começar a trabalhar com Ana Paula, eu não dava importância para esse tipo de trabalho. No projeto dela e do Glauber, participávamos de palestras sobre a importância da língua materna, e foi a partir de então que comecei a refletir sobre questões relacionadas à linguística. Durante o trabalho de transcrição e tradução, percebi que os indígenas não estão valorizando a própria língua materna, apenas buscam aprender mais o português e acabam esquecendo que devem manter a cultura e a língua Paresi. Foi então que comecei a pesquisar meu idioma por conta própria. Descobri que é muito importante documentar enquanto ainda há pessoas que possuem o domínio do conhecimento tradicional. Foi durante minha pesquisa sobre o significado das palavras para as traduções, que me interessei pela pesquisa linguística e decidi cursar faculdade na área da linguagem.

JZ cursou a Faculdade Intercultural Indígena na Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT), tendo como trabalho de conclusão de curso a pesquisa intitulada “As palavras homônimas na língua Haliti-Paresi”. Depois de terminar a faculdade, ele ainda continua pesquisando sua língua Haliti, já que é professor de língua materna na escola de sua comunidade.

Além dos professores indígenas, também participaram do projeto pessoas mais idosas (entre elas as lideranças Justino Zomozokae e Nelsinho Zoizomae, o pajé Joãozinho Akanoizokae, o cantor Fernando Omoizokie, Idalena Zoloicera, as lideranças Carlito Okenazokiee, João Arrezomae, Tarsila Konizokero e outros) que contavam narrativas tradicionais, suas histórias de vida, fatos sobre aspectos da cultura Paresi, etc. Entre os eventos culturais, escolhidos pelas comunidades para serem documentados, estavam: a história da origem do povo Paresi na Ponte de Pedra, as festas tradicionais (da menina-moça e de nomeação de crianças), o jogo de cabeça e outros jogos indígenas, a preparação da bola usada no jogo de cabeça, a caça e pesca tradicionais e a preparação de artesanatos.

Segundo JZ, atualmente são poucas as pessoas que sabem as histórias tradicionais, cantos, benzenções, conselhos e oferendas que são executadas durante as cerimônias. As pessoas que ainda sabem são os anciãos, que com as suas vozes incansáveis, alertam a juventude para o fato de quando eles não existirem mais, não haverá quem saiba repassar os conhecimentos tradicionais da cultura Haliti.

Figura 2: Geovani Kezokenaece gravando com Idalena Zoloicera



No início da documentação, quando os falantes ainda não estão muito envolvidos no processo de organização e da gravação em si, é preciso fazer uma observação participante da cultura antes de começar a gravar. Dessa forma, através da vivência aprendemos mais sobre o que pode ou não ser gravado, e como deve ser o procedimento da gravação. Na primeira viagem, houve um episódio em que um jovem queria gravar uma dança tradicional. Todos estavam vestidos tradicionalmente para dançar, mas o cacique ficou chateado com a situação. Depois, fomos entender que não podíamos gravar aquela dança, sem antes fazer uma oferenda para os espíritos da floresta.

A relação mais próxima com os indígenas contribui também para que o linguista tenha contato com a fala espontânea e possa descrever fenômenos linguísticos que só aparecem em determinados eventos de fala, tais como o uso de morfemas de evidencialidade. Para estabelecer esta relação com os Paresi, a pesquisadora ficava na casa de alguma família e dividia sua comida com eles. No seu tempo livre,

acompanhava os Paresi em seus afazeres na roça, na coleta de frutas, na pesca com as mulheres, nas festas tradicionais, e até nas festas dos não-indígenas.

Entre os anos de 2011 e 2014 foram desenvolvidos dois projetos de documentação em comunidades Paresi com financiamentos de duas grandes agências: o *National Scientific Foundation* (NSF) e *Endangered Language Documentation Programme* (ELDP). Com o apoio dessas instituições foi possível expandir o trabalho para outras comunidades. Registramos as diferentes variedades da língua Paresi, e também como os diferentes grupos Paresi cantam, benzem e contam história. A variação linguística pode estar relacionada tanto ao fator geográfico como à divisão étnica em seis grupos: Waimaré, Kaxiniti, Kozarene, Enomaniere, Warere e Kawali. Hoje o casamento entre os vários grupos faz com que seja difícil uma separação desse tipo. A variedade majoritária é relacionada com o grupo Kozarene-Enomaniere e a minoritária com o Waimaré-Kaxiniti, que está ameaçada de extinção.

Adquirimos equipamentos de boa qualidade para os Paresi através do ELDP / SOAS. Utilizamos um gravador digital Zoom H4n, microfone de cabeça Shure, camera de vídeo digital (camera Sony DCR-SR100, outra câmera Canon XA10 HD, microfone externo para filmadora. As gravações eram feitas quando a pesquisadora estava presente nas comunidades, apesar de uma tentativa de deixar os equipamentos na escola na comunidade Formoso. Porém, não foi possível garantir bolsas para os indígenas fazerem as gravações na ausência da pesquisadora e, portanto, a ideia não teve resultados satisfatórios (foram registrados apenas algumas fotos e gravações curtas de eventos aleatórios). Já as transcrições e traduções eram feitas à distância algumas vezes e enviadas por email. A colaboração dos transcritores e tradutores foi fundamental para que uma gramática da língua fosse elaborada pela pesquisadora. Depois das gravações, os dados eram transferidos, catalogados, editados, transcritos e traduzidos (no programa ELAN) também com a colaboração dos Paresi que faziam parte da equipe.

O objetivo principal durante estes anos foi o de capacitar falantes para trabalhar no projeto e dar ferramentas para que eles pudessem continuar o trabalho de forma mais independente no futuro. Foram oferecidos cursos para capacitar os professores indígenas no uso de equipamentos, edição de vídeos, transcrição de textos e para discutir questões relacionadas à ortografia Paresi. O falante que mais ajudou com as gravações e edição dos vídeos foi Wagner Noezionazokemae. Ele gravou as histórias das

comunidades Bacaval, Buriti, Kotitiko e Nova Esperança, além de gravar outras histórias com alguns dos últimos falantes do Waimaré na comunidade Bacaval: Miriam Kazaizokairo, Zeferino, Camilo e André Xinhama.

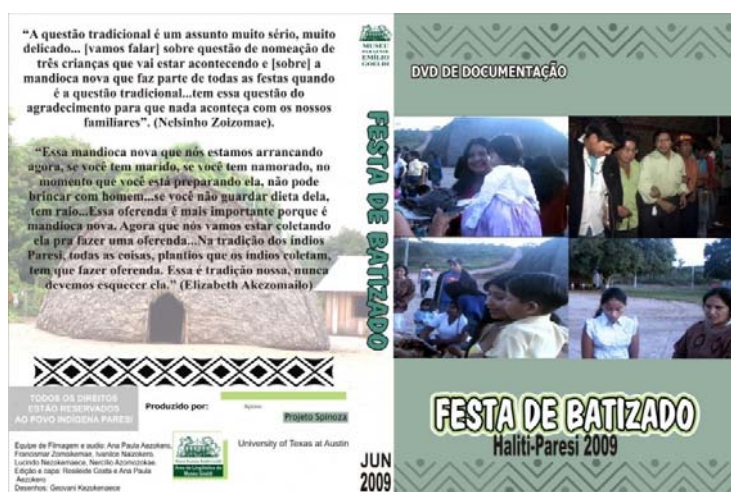
Figura 3: Jovens Paresi em curso de capacitação



Como resultado dos projetos de documentação temos um acervo digital com 27 DVDs e 6 CDs (como o DVD “Festa de Batizado”, ilustrado na figura 4), mais de 100 horas de gravações, 12 horas das gravações foram transcritas e traduzidas no ELAN, banco de dados com 2500 entradas, e cinco horas de textos interlinearizados no FLEx. Cópias dos DVDs e CDs, além de arquivos em pendrives, foram entregues às comunidades e continuam sendo disponibilizados pela pesquisadora. Todos os anos há uma demanda feita por professores indígenas e lideranças para que eles possam usar os dados em suas aulas e em suas pesquisas. Os dados também foram armazenados nos acervos digitais do *Endangered Language Archive* (ELAR) na Inglaterra e no *The Archive of the Indigenous Languages of the Americas* (AILLA) no Texas, com alguns arquivos disponíveis online³, e na área de linguística do MPEG em Belém.

³ Os acervos estão disponíveis nos sites do ELAR: <https://elar.soas.ac.uk/Collection/MPI928903> e AILLA: <https://ailla.utexas.org/islandora/object/ailla%3A254756>

Figura 4: Capa de DVD de documentação de festa tradicional Paresi



Depois que o projeto do ELDP terminou em 2014, esperávamos dar continuidade à documentação e prestar assessoria com relação à elaboração de materiais pedagógicos. Infelizmente, foram realizadas apenas duas viagens à comunidade Formoso, uma em 2015 (com apoio da bolsa de pós-doutorado da CAPES) e em 2017 (com apoio do Museu Goeldi). Os recursos para as viagens eram escassos e não foi possível dar continuidade ao trabalho. Na última viagem, coletamos alguns dados linguísticos com ajuda de quatro alunos da graduação do curso de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA), bolsistas ou voluntários de iniciação científica. No cenário atual do Brasil, oportunidades para os estudantes como estas são muito raras, pois é cada vez mais difícil obter financiamento para a pesquisa de campo, até mesmo para os professores.

Apesar das perspectivas difíceis para a área, há evidências do desenvolvimento de uma reflexão linguística por parte dos indígenas, como visto em pesquisas de estudantes da UNEMAT. Em 2017 e 2018, estudantes de várias etnias participaram do Congresso de Línguas Indígenas do Mato Grosso (evento organizado por professores da Faculdade Indígena Intercultural), apresentando suas pesquisas sobre suas línguas. Entre eles, estavam professores Paresi, alguns deles ex-consultores do projeto, que continuam pesquisando sobre a língua dentro da escola indígena. Pedro Kezowe e Gilmar Koloizomae apresentaram o trabalho “A língua Haliti-Paresi nas aldeias Bacaval e Nova Esperança”, Angelo Kezomae apresentou sobre sua pesquisa sociolinguística e a ortografia Paresi e JZ apresentou o trabalho “Aspectos semânticos da língua Haliti-

Paresi: um estudo da homonímia”. Pretendemos em breve ministrar oficinas conjuntamente com Angelo Kezomae, JZ e Pedro Kezowe sobre questões referentes ao estabelecimento de uma ortografia para a língua.

Trabalhar em equipe, segundo uma visão de que todos podem aprender e ensinar, possibilitou a criação de uma relação a longo prazo com os Paresi. Uma demonstração de que eles depositam confiança no trabalho e na amizade feita com a pesquisadora, é o fato de a pesquisadora ter recebido um nome indígena, que é Aezokero. A seguir, apresentamos outro projeto de documentação com língua da mesma família linguística, que está sendo realizado com a colaboração de falante Paresi.

3. A documentação da língua EnaweneNawe

No início de janeiro de 2018, realizamos uma primeira viagem à comunidade EN. O objetivo da viagem era estabelecer um primeiro contato com os EN e pedir autorização para enviar uma proposta de projeto de documentação da língua para o ELDP / SOAS. JZ e a pesquisadora viajaram para a cidade de Vilhena para encontrar com dois indígenas EN: Hokiliari e Xalokwa, com quem foram para a comunidade.

Figura 5: Os pesquisadores e HolikiariEnawene na comunidade Halataikwa



Na chegada à comunidade, o filho do cacique geral, Xoxokwa, pediu que falássemos com os caciques sobre o objetivo da nossa visita. Na comunidade, existem nove clãs na comunidade, e cada um deles tem seu próprio cacique. O cacique principal da comunidade é Lolawenakwa Enawene, e os outros caciques são Yokali, Kolarene, Takaka, Kodataene, Walawa, Twenakwa, Xiwiro e Kawali. Com a tradução de Xoxokwa, que fala português, apresentamos nosso trabalho de documentação nas comunidades Paresi e depois explicamos que iríamos fazer gravações de eventos de fala na comunidade. Eles disseram que já havia uma antropóloga trabalhando com eles na gravação de músicas, a Dra. Ana Paula de Lima Rodgers, do Museu do Índio (Rio de Janeiro)⁴. Eles expressaram um maior interesse na documentação das narrativas tradicionais e concordaram em participar do projeto.

Durante a reunião, o cacique geral perguntou se o projeto iria ajudá-los com a compra de peixes para os rituais da comunidade, pois os EN dependem de ajuda financeira para a compra de alimentos. Devido à instalação do Complexo Hidroelétrico do rio Juruena em 2003, a pesca nos rios não gera recursos suficientes para alimentar a comunidade, principalmente durante o festival tradicional chamado *Iyaōkwa*. Explicamos que infelizmente, o projeto não prevê este tipo de ajuda. O cacique também estava preocupado com a forma de pagamento para os consultores e sugeriu que parte da documentação seja realizada pelos próprios jovens EN nos períodos em que eu não estiver na comunidade durante o projeto.

Durante esta mesma reunião, eles escolheram as pessoas que iriam ser entrevistadas (foram sete pessoas) e as pessoas que nos acompanhariam durante o trabalho de gravação (três pessoas). As pessoas que foram entrevistadas escolhiam as histórias que queriam contar. Entre as histórias que gravamos em áudio e vídeo estão: a história da origem dos EN (*Wadalihikwane*), a história da origem da mandioca (*Kokotero*), história sobre os espíritos (*Iyakaliti*), a história dos primeiros contatos com os não-indígenas e a história do ritual *Kateoko*, entre outras. Conseguimos também transcrever e traduzir, conjuntamente com Holikiari, Alowa e Xoxokwa, toda a história dos primeiros contatos com os não-indígenas e parte da história da origem dos EN.

⁴A pesquisadora escreveu uma tese sobre a polifonia musical encontrada na ritualística EN (LIMA RODGERS, 2014).

Como resultado temos 5 horas de gravações em áudio e vídeo, 10 minutos de textos transcritos e traduzidos e uma lista de palavras com 300 itens.

A maioria das pessoas da comunidade queria participar do projeto, mas trabalhamos apenas com onze pessoas. A presença de JZ, foi muito importante para estabelecer uma relação de confiança com os EN. JZ também ajudou na comunicação com eles, pois eles entendiam Paresi e coletou também dados linguísticos. JZ ficou impressionado com as várias semelhanças entre sua língua e o EN. Quando chegamos na comunidade *Halataikwa*, as mulheres EN estavam dançando no terreiro no ritual do *Kateoko*. As crianças e as mulheres que não estavam participando do ritual naquele momento, juntamente com os homens, nos rodearam. Já na chegada, JZ começou a falar em Paresi com algumas pessoas, uns entendiam, outros não. Ele fez anotações e eliciações de alguns aspectos lexicais e gramaticais do EN, a exemplo dos pronomes pessoais independentes, como podemos ver na Tabela 1.

Tabela 1: Pronomes pessoais independentes em EnaweneNawe e Paresi

	Paresi	EnaweneNawe
1SG	natyo	nato
2SG	hitso	hixo
3SG	eze	ere
1PL	witso	wixo
2PL	xitso	dexo
3PL	ezenae	erenaha

JZ também notou semelhanças entre as culturas dos dois povos. Durante a semana que estivemos na comunidade, ele observou que os EN ainda são muito tradicionais, pois só comem peixe com beiju e bebem chicha. Vimos as crianças brincarem no terreiro, tomarem banho apenas no rio, e os adultos e jovens fazendo rodas no terreiro para trocarem ideias, como era o costume nas comunidades Paresi antigamente. Os EN quase não utilizam utensílios da sociedade não indígena. Eles apenas se preocupam em realizar os rituais, nos quais os anfitriões buscam tratar da melhor maneira os que estão dançando. É muito difícil as mulheres e as crianças irem

para a cidade mais próxima, só os homens. Sobre a experiência cultural na comunidade EN, JZ conta o seguinte:

Em uma dessas madrugadas, ouvi eles cantando com a flauta sagrada, o que me fez recordar muito da minha infância e também quando os Haliti-Paresi faziam festas tradicionais de vários dias, nas quais convidavam todas as aldeias. O povo Haliti ainda mantém a cultura das festas tradicionais, tais como o ritual da menina moça (quando há primeira menstruação e a menina fica de reclusão), nomeação de criança e também quando há recuperações das pessoas em questões espirituais pessoais. As pessoas recebem o nome indígena durante a cerimônia de nomeação, em que as famílias têm de estar em dieta, respeitar a cultura, respeitar *Enore*, para que não sejam castigadas depois. Hoje as festas tradicionais Paresi são bem diferentes das festas de antigamente, porém os Enawene Nawe ainda mantêm a tradição da forma como era antes.

Assim como na comunidade Paresi, foi possível começar um vínculo mais próximo com os EN. Ficamos em uma casinha reservada para os visitantes, mas onde também moram três mulheres e uma criança. Apesar das mulheres não falarem português, conseguimos nos comunicar com elas em Paresi e em poucos dias, já em Enawene Nawe. Muitas pessoas iam nos visitar na casinha para conversar e nos conhecer melhor. Também ensinamos a língua portuguesa para algumas crianças EN, pois eles ainda não têm escola na comunidade. Apesar de estarmos em um lugar de difícil acesso e de condições pouco favoráveis (sem água potável, sem banheiros, sem energia), nos sentimos em casa com a receptividade desse povo.

Em julho de 2018, o projeto enviado para o ELDP / SOAS foi aprovado. Esperamos comprar equipamentos para a comunidade e voltar em breve ao campo. Os resultados esperados são semelhantes ao alcançados com o Paresi: um acervo digital com 50 horas de gravações, 10 horas de gravações transcritas e traduzidas no ELAN, banco de dados com mais de 5000 entradas, e 8 horas de textos interlinearizados no FLEx. Além de um esboço gramatical e uma primeira versão de coletânea de textos. Sabemos dos desafios que enfrentaremos, entre eles, o fato de a maioria dos falantes EN serem monolíngues. Porém, acreditamos que a ajuda dos Paresi será o diferencial deste projeto.

Considerações finais

Apresentamos a metodologia usada na documentação da língua Paresi, que mostra a participação dos falantes em quase todas as etapas (desde a gravação até a criação de metadados e organização em acervos). Os resultados alcançados nos projetos que usam a documentação participativa, várias horas de gravações e anotações de dados, só são possíveis com o envolvimento dos indígenas no processo. O vínculo do pesquisador com a comunidade mostra uma importância não apenas científica, mas também social do trabalho linguístico com as populações indígenas. Atualmente, há uma preocupação muito grande, por parte dos linguistas, de garantir que as informações dessas pesquisas possam ser úteis principalmente para as comunidades indígenas. Consideramos que a maior recompensa desse trabalho é a conscientização dos próprios indígenas sobre a importância de documentar suas línguas e ver que eles começam não só a tomar iniciativas para a manutenção ou revitalização da língua de seu povo, mas também começam a repassar seus conhecimentos tecnológicos e linguísticos para outros povos. Hoje nas comunidades Paresi, os professores indígenas continuam a pesquisa e ensino da língua materna, reafirmando que já são autônomos nesse processo.

No contexto atual em que alguns direitos dos povos indígenas estão ameaçados, é fundamental conscientizar os indígenas sobre a importância de preservar suas línguas e garantir recursos para que eles possam registrá-las. Além de proporcionar um conhecimento da sua estrutura linguística, a pesquisa com a língua EN irá proporcionar um conhecimento da relação histórica e cultural do povo EN com o Paresi e outros povos, permitindo o avanço do trabalho histórico-comparativo da família Aruák.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, Alexandra Y. The Aruak language family. In: DIXON, Robert; AIKHENVALD, Alexandra (eds.). *The Amazonian Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BRANDÃO, Ana Paula. *A reference grammar of Paresi-haliti (Aruák)*. 457f. Tese de doutorado. University of Texas at Austin, Austin, 2014.

_____. *Verb morphology in Paresi-Haliti (Aruak)*. Qualifying paper. The University of Texas at Austin, Austin, 2010.

BRANDÃO, Ana Paula; CARVALHO, Fernando; PEREIRA, Everton. Estudo histórico-comparativo preliminar do subgrupo Juruena (Aruák). Trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Estudos Linguísticos e Literários na Amazônia (VI CIELLA). 2018, Belém.

_____; MESQUITA, Amanda. Análise inicial das construções estativas e o traço de controle em Paresi. In: Conferência Internacional de Linguística e Literatura (CIELLA), 5, 2017. Belém: UFPA. Disponível em: http://v.ciella.com.br/upload/anais/ciella_2_final.pdf. Acesso em 15 de janeiro de 2018.

_____; FACUNDES, Sidney. 2007. Paresi and Enawene Nawe: a comparative study. In: Conference on Indigenous Languages of Latin America (CILLA), 3, 2007, Austin.

COSTA, Izaira. Neologismo formal em Paresi-Haliti. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

DRUDE, Sebastian. 1995. Observações para servir para uma ortografia do Waimare.

EAZOKEMAE, João Quirino. Dicionário Haliti-Paresi. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Estadual do Mato Grosso, Barra do Bugres, 2006.

FABRE, Alain. 2005. Diccionario etnolingüístico y guia bibliografica de los pueblos indigenas sudamericanos. ARAWAK. Disponível em: <http://butler.cc.tut.fi/~fabre/BookInternetVersio/Dic=Arawak.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

FRANCHETTO, Bruna; RICE, Keren. Language Documentation in Americas. Language Documentation and Conservation. Hawaii, vol. 8, p. 251-261, 2014.

GIPPERT, Jost; HIMMELMANN, Nikolaus; MOSEL, Ulrike. Essential of language documentation. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2006.

KEZOMAE, Angelo. Dicionário de palavras em desuso e seus correspondentes atuais. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual do Mato Grosso, Barra do Bugres, 2006.

KEZOWE, Pedro; Koloizomae, Gilmar. A língua Haliti-Paresi nas aldeias Nova Esperança e Bacaval. In: Conferência de Línguas Indígenas do Mato Grosso, 1, 2017. Barra do Bugres. Anais do CLIMT. Barra do Bugres: UNEMAT. Disponível em: <http://siec.unemat.br/anais/climt/?page=sumario>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.

LIMA RODGERS, Ana Paula. O ferro e as flautas: regimes de captura e perecibilidade no Iyaõkwa Enawene Nawe. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

LIMA-SOSINHO, Larissa. Variação lexical em Paresi-Haliti: levantamento linguístico do duplo vocabulário. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

LISBOA, Thomaz de Aquino. Os Enauenê-Nauê: primeiros contatos. São Paulo: Loyola, 1985.

MESQUITA, Amanda. Verbo ou adjetivo? Análise inicial das palavras descritivas em Paresi (Aruák). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

MOORE, Denny; GALUCIO, Vilacy. Perspectives for the documentation of indigenous languages in Brazil. In: PÉREZ BÁEZ, Gabriela; ROGERS, Chris; ROSÉS LABRADA, Jorge Emílio (Orgs). Language documentation and revitalization in Latin America contexts. Berlin and Boston: Mouton de Gruyter, 2016.

PAYNE, David L. Classification of Maipuran (Aruakan) languages based on shared lexical retentions. In: Derbyshire, D. C.; Pullum, G. K. (Eds.). Handbook of Amazonian languages. v. 3, 1991.

PEREIRA, Everton. Estudo histórico-comparativo preliminar das línguas Paresi e Enawene Nawe. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

RAMIREZ, Henri. Línguas Arawak da Amazônia Setentrional. Manaus: Universidade do Amazonas, 2001.

RECH, Núbia; BRANDÃO, Ana Paula. A marcação da modalidade deôntica no Paresi. Forum Linguístico, Florianópolis, vol.15, n.1, p. 2816-2827, 2018.

_____; _____; Marina, WIT. The relationship between irrealis mood and deontic modality in Paresi (Arawak). Liames, Campinas, vol.18, n.2, 2018.

REZENDE, Ubiray. Aspectos da Gramática da Língua Enawene-Nawe (Aruak). Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

_____. Fonética e fonologia da língua Enawene-Nawe (Aruak): Uma primeira abordagem. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

ROWAN, Orland. Iraitixawaiyekehalakatyakaba. Dicionário Paresi-Portugues. Cuiaba, MT: SIL, 1978 (2001, edição digital). Disponível em: <http://siec.unemat.br/anais/climt/?page=sumario> . Acesso em 10 de dezembro de 2017. <http://www.sil.org/americas/brasil>

_____ - E.B. Burgess. Gramática Parecis. SIL-AL 146, 1969 (2009, edição digital).

SILVA, Glauber. Morfossintaxe da língua Paresi-Haliti. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

_____. Fonologia da língua Paresi-Haliti (Aruak). Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

SOUSA, A. C. R. A ordem dos constituintes e a estrutura da informação em Paresi-Haliti: uma análise preliminar. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

SOUSA, J. H. L. Empréstimos linguísticos do português na língua Paresi-Haliti. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará. Belém, 2018.

STENZEL, Kristine. The pleasures and pitfalls of a ‘participatory’ documentation project: an experience in Northwestern Amazonia. *Language Documentation and Conservation*. Hawaii, vol. 8, p. 287-306, 2014.

ZEZOKIWARE, Jurandir. A polissemia em Paresi. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Estadual do Mato Grosso, Barra do Bugres, 2016.